

A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2486

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 9 DE JANEIRO DE 1927

A imprensa e a sociedade portuguesa

Voltamos hoje a ocupar-nos dos inimigos da imprensa para refutar-lhes pacientemente algumas das suas mais fortes razões e algumas das suas mais pitorescas superstições.

Os defensores das medidas que reduzam a imprensa a meros pedaços de papel em branco, tão em branco que até os factos deles desapareçam por inteiro, gritam contra a sua imoralidade. Esses emulos de Catão — que são as últimas calúnias lançadas contra a reputação dessa discutida e admirada figura romana — não reparam que a sociedade surgida da guerra criou uma nuvem de banqueiros fraudulentos e de negociantes crapulosos que, sem o favor e o dinheiro do Estado, não conseguem manter sua próspera existência, baseada em expedientes e não em outros motivos mais sólidos e mais legais. Esse bando de aventureiros sinistros, que têm roubado ao Estado uma boa parte do dinheiro que este arranca aos contribuintes, para continuarem explorando a trágica miséria de 6 milhões de esfomeados amordaçados no *Diário de Notícias* (Moagem) e o *Seculo* (Moagem) e um bando de abutres) para que eles não dissessem das suas ignóbeis maquinações. Esses jornais são, pelos próprios interesses dos seus proprietários, dum servilismo reles perante todos os governos. Não incomodam os planos dos estatistas de todos os tamanhos, antes os apoiam com um servilismo repugnante.

O resto da imprensa, está enfeudada a partidos políticos ou simula uma independência em que ninguém acredita. A sociedade em que vivemos não produz outra imprensa — e não pode também anulá-la sem se anular a si mesma. Todas as medidas tomadas contra a imprensa são medidas tomadas contra a sociedade.

Os órgãos que vivem na independência dos interesses dos grupos políticos e financeiros são raros. Pode citar-se aquele em que escrevemos, mas, se for necessário fazer uma lista, ninguém acredita que ela seja longa.

O argumento de que a censura seja aplicada à imprensa devido à sua imoralidade, destroe-se facilmente. O *Diário de Notícias* e o *Seculo*, os dois únicos jornais de grandes tiragens existentes em Lisboa, não eram inimigos desta situação, visto que tomaram partido por ela quando o 28 de Maio ainda estava indeciso em Braga e o resto da tropa estava recolhida nos quartéis.

O *Seculo* arriscou até a sua existência no 18 de Abril tornando-se ousadamente o arauto da revolução. Quando António Maria da Silva quis impor a censura, a fim de evitar que os revoltosos tivessem conhecimento das medidas militares que o seu governo contra eles tomasse, o *Seculo* rebelou-se e o *Diário de Notícias* não lhe ficou atrás. Os dois grandes jornais suspenderam a sua publicação, declarando que não se submetiam à censura.

Factos posteriores vieram provar que faltavam à verdade, visto que após o 28 de Maio a censura foi instituída e eles não repetiram a atitude. A revolta, portanto, não foi contra a censura, mas contra o António Maria da Silva, o que é muito diferente. Como se depreende facilmente, os dois símbolos da imoralidade na imprensa não eram, nem são inimigos do que está.

Os inimigos da imprensa são, pois, forçados a abandonar a ideia de que a imoralidade justifica a censura. — tanto mais que a censura não se pode exercer sobre as conversas e as ideias dos que a atacam e dos que a defendem...

FOI ADIADO

O julgamento de «A Batalha»
O julgamento de «A Batalha», na pessoa do seu editor Carlos Maria Coelho, que ontem deveria realizar-se no tribunal da Boa-Hora, por falta de dois dos juizes ficou adiado «sine-die».

LA NOVELA SOCIAL LA LOCA VIDA

É o título do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$60. Pelo correio \$70.

OBJECÇÕES A UM PURITANO

Tendo lido com a devida atenção os três últimos artigos do camarada cuja bizarra concepção acerca de sindicalismo provocou a minha vinda a terreno, forçado sou a fazer um exame, ainda que perfunctório, a algumas das alegações que nos mesmos artigos apresenta, os quais não contém matéria nova, sendo antes a repetição do que já dissera, como que a justificação das asserções anteriormente produzidas, justificação umas vezes compreensiva, outras que nada esclarece, tão complicada é a sua urdidura.

É manifesto que o meu opositor está empenhado em convencer-se de que tem razão, e sabido é que quando alguém entra num debate desta natureza com o deliberado propósito de não dar «o braço a torcer» — que é o caso do meu adversário — toda a discussão de ideias resulta inane.

Como, porém, não escrevo apenas para ele, o que seria inútil, visto que é inamovível, mas para a parte do operariado a quem esses assuntos interessam, volto por isso ao debate, começando por acentuar que se me afigura não ter sido de todo infértil a minha intervenção e a do camarada que, comigo, contestou as afirmações do primeiro, porquanto, a despeito da sistemática contumácia que este revela, é transparente que já não defende com o entusiasmo dos primitivos momentos alguns dos peregrinos pontos de vista que expusera nos escritos iniciais, pois já vai dizendo não ter afirmado que não há diferença entre libertarismo e anarquismo, embora no mesmo artigo, um pouco mais adiante, tenha a expressão de que, «ideologicamente falando, o libertarismo é a mesma coisa que anarquismo», o que me parece ser assaz desconcertante. Segundo o meu contraditor, não demonstrámos o seu erro e também não argumentámos, tendo-nos limitado a refutar, devendo eu dizer que supunha que onde houvesse refutação, haveria, implicitamente, argumentação, mas parece não ser assim. O pior é que, fugindo-lhe a boca para a verdade, val-nos dando o qualificativo de argente...

Na longa tirada em que o meu opositor examina, a seu modo, a questão, que reputa uma importância máxima, dos termos *unidade e unidade* — prendendo-se mais com as palavras do que com a substância, que é o que mais importa, e continuando a não querer distinguir a diferença que existe entre *unidade ideológica e unidade de acção*, o que é fundamental, — nessa longa tirada, ou eu dizendo, faz o meu contraditor, acerca dos partidários de tendências às quais sou estranho, apreciações que, por muito ajustadas que fossem, não deveriam ser trazidas ao presente debate e a este lugar, sobretudo por quem se ufana de ser correcto. Se acho legítima a crítica a todas as ideias, entendo, todavia, que essa crítica, quando feita, como no caso sujeito, num jornal onde se sabe que os elementos visados não podem opor os seus argumentos aos do adversário, não prima por regular. Que assim procedam indivíduos que têm concepções estreitas sobre a liberdade, admitte-se. Quem, porém, se afirma anarquista, e, portanto, tolerante e rectilíneo, não tem o

Mais um interessante número do nosso suplemento literário

Mais um esplêndido número do suplemento literário de *A Batalha* — de amanhã. No número dos seus colaboradores há nomes que marcam pela sua carreira literária e revolucionária.

Origem e desenvolvimento do capitalismo é um belo artigo de análise à sociedade contemporânea.

A mãe e a hêtera é um soberbo estudo de D. Maria Lacerda de Moura, publicista brasileira, que deve ser lido pelos estudiosos.

A degradação da mulher é um motivo para o dr. Arnaldo Brazão lacerar o flagelo prostituição.

Para um futuro melhor, do nosso colaborador Abilos, merece ser lido pelos nossos leitores.

O culto dos mortos é um curioso estudo do professor Ladislau Batalha, que numa maneira brilhante combate várias superstições.

A clêra dos ventos são versos do estudante indiano Mário Coelho, ricos de beleza literária.

A ciência de cálculos do meu barbeiro, «blague» inofensiva de Alfredo Marques, é uma crítica à ignorância dos pretenciosos.

Entre irmãos, conto literário do nosso saudoso camarada Neno Vasco, é um rico diálogo muito interessante.

Roubando os pobres, do professor A. L., critica o roubo legal e a fraude.

Actualidades, Inquérito, O que todos devem saber, Chico, Zecas & C., completam este interessante número, cujo custo é de 50 centavos.

A memória do actor Taborda

O Grémio dos Artistas Teatrais promoveu para ontem uma saudosa manifestação à memória do actor Taborda. Foram numerosos os artistas teatrais e os autores dramáticos que se associaram à manifestação, junto do busto do que foi uma gloriosa figura do teatro, erecto num recanto do jardim da Estrela e onde foi colocada uma artística palma de bronze e *gerbes* de flores, tendo vários oradores recordado com saudade a figura do comediante. Ao jardim da Estrela afluíram muitos populares, que se associaram espontaneamente à manifestação de saudade.

SINDICALISMO E ANARQUISMO

direito de conduzir-se de tal forma, mas de maneira muito mais elevada.

Depois, volta o meu contraditor a asseverar que o sindicalismo revolucionário é, por essência e por textura, anarquista, para concluir, é claro, que nada foi oposto da banda de cá a semelhante proposição, parecendo não ter o mínimo valor para o seu espírito a demonstração que lhe foi feita de que se o sindicalismo tem alguma coisa do anarquismo, igualmente o tem do marxismo, pois que, não se confundindo com nenhuma das duas doutrinas, a elas foi buscar entretanto o que de mais eficiente possuam, e nisso está a sua vantagem, assim se explicando o carácter principal do sindicalismo este, como diz Henrique Leone, na superioridade que este reconhece ao facto da organização sobre as ideologias particulares. Por minha parte, não aprei, por agora, mais nada quanto a este aspecto da discussão, bastando que saliente que da mesma maneira como acerca de sindicalismo pensa o meu contraditor não pensa anarquistas da envergadura moral e intelectual de Errico Malatesta e Neno Vasco, como aliás já acentuei.

Voltando à estrambótica afirmação de que o trabalhador, ao entrar no sindicato, age, só por este facto, como se anarquista fosse, embora inconscientemente, sou a dizer que não vale a pena deter-me por mais tempo na análise a tão absurdo critério. Não posso, porém, deixar de fazer ao meu opositor esta singela pergunta: se o trabalhador, qualquer trabalhador, age como anarquista ao entrar no sindicato, como age o anarquista que abandona o agrupamento profissional, só porque este tomou determinada resolução com a qual se manifestou em desacordo? Pode e deve considerar-se com justiça revolucionário o anarquista que de tal modo actua ou não deverá antes concluir-se que com semelhante exemplo faz tudo menos revolucionarismo?

Por outro lado, pretende a viva força o meu opositor que o indivíduo que combate um princípio autoritário tem que ser forçosamente anarquista. Vivia eu na ilusão de que para se ser anarquista teria que aceitar-se e seguir-se, em globo, a doutrina do anarquismo, sem o que não poderá aplicar-se com propriedade aquele qualificativo. Compreende-se, todavia, tão inéscita interpretação desde que se considera libertarismo e anarquismo uma e a mesma coisa, como quer, embora não sempre, o meu contraditor. É assim que, segundo tão estranho critério, o indivíduo que pratica um acto que pode ser igual a outro que anarquistas realizam tem que incluir-se necessariamente no número dos partidários daquele ideal. E de dedução em dedução temos que concluir que são forçosamente marxistas, republicanos, monárquicos, etc., os indivíduos que porventura tenham na sua vida uma atitude que possa assemelhar-se à de qualquer dos componentes dos referidos partidos, embora em conjunto combatam as correspondentes ideologias.

Diligenciarei analisar no próximo número a consistência de outros argumentos do meu opositor, visto que tentá-lo apenas num artigo seria tarefa impossível.

Alexandre VIEIRA

Notas & Comentários

Uma «caixinha»

O *Diário de Lisboa* deu ontem uma grande caixinha. Nada menos do que isto: que o partido bolchevista não consente que os seus filiados deixem as mulheres ir à missa e daí uma causa principal do grande dissídio. Onde a sensacional notícia foi colhida não cuidamos de averiguar. Nós poderíamos, é certo, esclarecer o colega, mas não queremos fazer o jogo do bolchevismo. Do que se passa na Rússia temos dada ampla informação, sem necessidade de enviados especiais ou da leitura de jornais franceses de prosa mansa. Mas a grande caixinha pithou-a o grande vespertino — e nada mais é preciso dizer.

Sismos e Selismas

Espantou-se a credulidade lisboeta ante a notícia de cinquenta abalos sísmicos em cerca de uma hora. A confusão foi enorme e o fogo tudo parecia destruir. Ora, isto deu-se na América dos fantasmagóricos acontecimentos. Na minúscula sociedade em que venturosamente nos chocamos, cinquenta abalos são uma ninharia que não vale um sismo mas sempre causa várias selismas. Apenas o fogo não vem, a purificar ambiente e almas, e o resultado final é uma ruína completa do que poderia ser uma activa e invulnerável afirmação.

Uma «blague» em grego

ATENAS, 8. — O conselho de ministros estudou a situação financeira e ouviu o relatório do ministro das finanças expondo as medidas destinadas a restabelecer o equilíbrio orçamental por meio de importantes reduções nas despesas de vários ministérios. — H.

Meia resignação

VARSOVIA, 8. — Nos círculos bem informados afirma-se que o marechal Pilsudsky tencionava resignar do seu cargo de ministro da Guerra, conservando, porém, o de inspetor geral do exército. — L.

O progresso do mundo

LONDRES, 8. — O serviço de telefonia sem fios entre Londres e New-York foi ontem inaugurado à 1 e três quartos da tarde, ouvindo os operadores da segunda das duas cidades em primeiro lugar os sons da catedral londrina, para o que havia sido colocado um telefone especial na torre do sul. Seguiram-se as saudações entre o maior de New-York e o lord maior de Londres. — L.

Nota Oficial do Comité Confederal

A propósito do despedimento dum redactor de «A Batalha», alguns elementos operários, talvez mal informados, e alguns jornais burgueses, sem duvida mal intencionados, têm-se permitido estabelecer as versões mais disparatadas, mas sempre atentatórias da dignidade e do carácter dos componentes deste Comité. Desobrigados estamos, de dar públicas satisfações a todos que se lembrem de criticar os nossos actos, porquanto, só ao Conselho Confederal ou directamente às organizações confederadas, estamos forçados a fazê-lo, porém, e sem que o precedente que abrimos possa ou deva repetir-se, não prescindimos neste momento de justificar suficientemente a nossa atitude em referência, para que a organização operária, mais uma vez, tenha amplo conhecimento da nossa lealdade de processos. Colocados na posição em que nos encontramos, pela absoluta confiança que em nós deposita a organização operária confederada de todo o país, nós já jamais deixaremos de lhe dar as necessárias provas da razão de ser dessa confiança. Não pretendemos ocultar ou deixar de justificar qualquer dos nossos actos, e assim é, que temos tornado e continuaremos a tornar públicos todas as nossas atitudes e todos os nossos trabalhos, sem que possamos requear que qualquer mal vontade ou pretensa ingenuidade nos possa confundir.

No extracto do Comité Confederal publicado no dia 7 do corrente, e quando nos referíamos ao despedimento do já citado redactor, dizíamos que a nossa atitude era consequência desse redactor não satisfazer as necessidades morais e materiais de «A Batalha». São exactamente estas as razões que pretendem pôr em duvida, e que nós, contrariados, mas forçados a fazê-lo porque o bom nome do organismo que representamos o exige, passamos a explicar.

O redactor em questão não satisfazia as necessidades materiais do jornal porque era useiro e vezeiro em se ausentar do serviço durante dias e dias, na maior parte dos casos sem fazer acompanhar o acto de qualquer explicação prévia, quando não sucedia que nem mesmo posteriormente a prestava. Ainda no momento em que o Comité resolvia o seu despedimento, se encontrava ausente há dez dias. Alem destas abusivas e constantes faltas, raro era o dia em que cumpria como devia o horário de trabalho que lhe estava atribuído, faltas estas que em conjunto deram motivo inúmeras vezes a que os anteriores Comités Confederais se preocupassem com tais factos e por vezes estivessem quasi dispostos a chegar à conclusão a que o Comité Confederal agora chegou. Quanto às razões morais, evitaremos ser extensos, pelos prejuizos que tal citação possa ocasionar ao alvejado e que nenhum interesse pessoal ou colectivo nos podem trazer. São sobrejamente conhecidas, e custam-nos a acreditar que o não sejam por parte dos nossos criticantes, porém, a insistência em as ignorar poderá forçar-nos a revelações justificativas pouco agradáveis. Foi exactamente o aumento numérico dessas razões, com prodigiosa intensidade, que determinou medidas rápidas, que salvaguardassem o prestígio confederal, cuja defesa muito especialmente está confiada a este Comité.

Não é também verdade, como se insinua, que supostos motivos tivessem levado esse redactor a despedir-se voluntariamente, porquanto esses motivos não existem, e nunca tal comunicação chegou ao Comité Confederal, só sendo do nosso conhecimento a ausência injustificada do serviço desde o fim do passado mês de Dezembro. Outrossim informamos que não houve no nosso acto qualquer abuso, porquanto, simplesmente cumprimos as atribuições que nos foram conferidas, natural e legitimamente, pelo Conselho Confederal, em matéria de admissão e despedimento de pessoal do jornal, como consta das resoluções tomadas na última reunião do mesmo Conselho.

O Comité Confederal

A situação em Nicaragua

UMA DERROTA DOS LIBERAIS?
MANAGUA, 8. — As forças do presidente Diaz afirmam ter batido os liberais no distrito de Blue-Fils, sendo ligeiras as perdas de ambos os lados. — H.

Um protesto anti-intervencionista

WASHINGTON, 8. — O senador Borch protestou violentamente contra a intervenção norte-americana na Nicaragua. — L.

Comemoração acadiana

HAVRE, 8. — A repartição nacional de higiene social organizou para 13 do corrente uma semana de saúde em Rouen e no Havre, sendo efectuadas várias conferências, nas quais serão abordadas as duas grandes doenças: a tuberculose e sífilis. — L.

Por enquanto, nada...

BRUXELAS, 8. — Os meios oficiais desmentem a informação inglesa de que se trata novamente, entre Bruxelas e Berlim, de quaisquer conversações sobre a questão de Eupen e Malméd. — (H)

AINDA O CASO DA FIGUEIRA

As conclusões bizarras a que chegou Sherlock-Augusto — agente da P. I. C. de Lisboa

COIMBRA, 7. — Decidimos ir até ao fim desta questão — e estamos dispostos a cumprir.

Havemos de fazer murchar aquele riso de cinismo que baila, trágica e triunfalmente, nos lábios dos Xavieiros — heróis de alcoices e lídidos representantes duma classe galeada, degenerada, que avança a gigantescos passos para o seu ocaso.

Os leitores deste jornal sabem, pelos relatos aqui publicados, que a menor de 16 anos, Margarida de Moura, filha do «chauffeur» Bento Luís de Moura, residente com seus pais na Figueira da Foz, foi assaltada no jardim da residência de seus padrinhos, srs. Fernando Mendes e Celeste Mendes, por dois mascarados que a amordaçaram, narcotizaram e violentaram.

Chamada sobre a ocorrência à administração do Concelho, declarou a autoridade administrativa que havia conhecido um dos assaltantes: o dr. Diogo Xavier, bacharel em Direito.

O administrador, sem que tivesse a necessária habilidade de ocultar o seu escandaloso proteccionismo, com a cumplicidade duma imprensa venal que vê a luz do dia naquela cidade, tentou esforçadamente abafar o escândalo nascente.

Baldadamente. «A Batalha» rompeu o fogo. Um jornalista figueirense, surgiu então, a pretender neutralizar a acção de «A Batalha».

Acusámos o administrador do Concelho, sr. Pereira Monteiro, de graves irregularidades cometidas no exercício das investigações acerca deste caso.

Aquela autoridade titubeou então uma defesa, que não tivemos dificuldade em pulverizar.

É bem evidente a sua parcialidade. A última patranha que, de parçaria com o sr. administrador, «O Figueirense», órgão dos Xavieiros, quis impingir-nos, foi a notícia de que o agente da P. I. C., José Augusto, viera à Figueira chamado pela autoridade administrativa para pôr o caso a claro. Confessamos que comemos a patranha. Agora, porém, estamos autorizados a asseverar aos leitores que tal notícia é mais uma falsidade a juntar à intrincada teia de falsidades que eles têm urdido.

O referido agente não veio de Lisboa com o fim de investigar com imparcialidade, por requerimento do administrador do Concelho. Veio, sim, pago pelos dois sobre quem impende o dedo acusador da opinião pública: o dr. Xavier e o visconde de Montargil.

O relatório de Sherlock-Augusto

Logo de comêço, «O Figueirense» na local em que transcreve as conclusões do relatório do agente da P. I. C., José Augusto, — o que é a força do hábito! — mente descaradamente.

Afirma cínicamente que logo que o referido agente chegou à Figueira da Foz com o encargo de melhor investigar, «O Figueirense» deixou de se referir a este caso, «para que aquele agente não se suggestionasse e pudesse livremente agir».

Toda a gente, porém, que lê «O Figueirense» sabe que isso não é verdade.

Sempre cínico — o Gomes de Almeida!

Com que desfaçatez o Gomes de Almeida lança mão dos processos mais baixos!

Transcrevemos agora daquela jornal as pirâmidas conclusões a que as investigações, pagas pelos Xavieiros, levaram Sherlock-Augusto. Eis-las:

1.º Que tendo-se procedido a um exame imediato no quintal da falada ocorrência, não se notaram os mais insignificantes vestígios de assalto, luta ou violência;

2.º que a porta por onde a Margarida diz terem fugido os assaltantes se encontrava fechada à chave e selada com tira de papel intacta, colada aos dois batentes, como dias antes se tinha feito a todas as portas e janelas da casa, sem que ninguém da família Bento tivesse disto conhecimento;

3.º que o quintal é rodeado por muros altos da própria casa de residência e outras edificações sendo impossível a escalada e decidida sem ajuda de escadas ou cordas, e sem que pessoa alguma visse, aquela hora da tarde, e nem desse tempo à própria Margarida de fugir ou gritar;

4.º que era impossível à mãe desta levantar a filha e conduzi-la sem sentidos até sua casa, um segundo andar estreito e íngreme, atravessando a garagem e descendo a rua das Parreiras e a rua do Curro, e isto num domingo à tarde, sem chamar por socorro e sem que ninguém as visse;

5.º que a Margarida recusou-se dois dias depois a ser examinada pelo subdelegado de Saúde e pela parteira, dizendo encontrar-se perfeitamente boa;

6.º que tendo, porém, em seguida comparecido na Administração do Concelho se verificou não ter no corpo nem nódoas negras, nem equimozes, nem arranhaduras;

7.º que dois dias depois a Margarida se deixou examinar, verificando-se desfloresamento, mas numa época que os peritos não puderam precisar, isto é, que tanto podia ser há 15 dias como há 2 ou 6 meses ou mais;

8.º que sendo a Margarida criada do sr. Fernando Mendes, quando este senhor regressou com sua família à Figueira, vindo de França, não os procurou para lhes dar conta dos serviços de que estivera encarregada e receber novas ordens, nem para se queixar e pedir protecção contra tais assaltantes;

9.º que continuando a Margarida a afirmar ter conhecido no assalto o dr. Diogo Xavier, esta afirmação não é verdadeira, pois que apurado está que não houve assalto algum;

10.º que a própria Margarida declarou no seu depoimento que nenhuma intervenção, absolutamente, teve neste assunto o sr. Visconde de Montargil, que bem conhece e contra quem nunca fez a mais insignificante referência desagradável;

11.º que o assalto à casa do sr. Fernando Mendes se não deu, tendo mãe e filha Margarida procurado envolver pessoas de categoria social na Figueira para melhor conseguirem os seus fins, embrulhando e confundindo tudo;

12.º que a Margarida vivia e vive em casa com os pais, duas irmãs e um irmão de vinte anos;

13.º que todas as testemunhas são de opinião unânime que foi tudo uma farça comédia combinada entre mãe e filha, aproveitando a ausência dos patrões no estrangeiro e do pai Bento de Moura, em Viado, para encobrir o desfloresamento da Margarida por pessoa que elas duas muito bem conhecem mas cujo nome não querem dizer, tão repugnante éle é.

Os leitores viram? Compreenderam? Das conclusões do relatório do agente Augusto depreende-se facilmente o propósito nítido de bolsar suposições insidiosas sobre o irmão da Margarida.

Bento de Moura fala outra vez à «Batalha»

Sobre o relatório do agente Augusto, tratámos de escutar uma vez mais o «chauffeur» Bento Luís de Moura.

Eis as suas declarações:

1.º Se algum exame se procedeu ao local da ocorrência, éle só se realizou muitos dias depois d'ello. Três dias depois do assalto, a 25, verifiquei eu vestígios de dedos de mãos no asfalto do jardim. O agente José Augusto, a quem comuniquei isto, obtemperou-me que tanto podiam ser de mãos como de pés...

2.º A Margarida não sabe por que porta fugiram os assaltantes, pelo motivo de que estava enfeudada. Nunca fez declarações neste sentido. É, pois, falsa também a segunda conclusão do relatório.

3.º A entrada e saída só poderiam ter sido feitas, como temos dito, pela porta da garagem ou pela entrada principal da casa. A Margarida, que perdura os sentidos, não podia fugir nem gritar, por tal motivo.

4.º A Margarida, à saída da porta da garagem, reanimou-se um pouco e pôde ir encostada à mãe até casa, onde recuperou por completo os sentidos. O facto de não ser vista a passagem de ambas deve-se, como já muitas vezes temos dito, à circunstância de a rua ser pouco transitada, mormente aquela hora e num dia de festa como aquele.

5.º É falso que ela se tivesse recusado a ser examinada pelo subdelegado de saúde e pela parteira. Dispensou, simplesmente, da primeira vez, o serviços do dr. Calado em virtude da sua atitude incorrecta da véspera. Submeteu-se ao exame da parteira, como o comprova o seu relatório que está apenso ao processo.

6.º Nos primeiros dias, a Margarida exhibia nódoas negras, que foram vistas por várias testemunhas que depuseram. Na Administração do Concelho ninguém examinou a Margarida, sendo aleviosas, portanto, as conclusões que o agente pretende tirar a este respeito.

7.º Como já aqui se afirmou, o exame médico-legal realizou-se, por única culpa do administrador do concelho e após grande insistência do pai da vítima, somente 14 dias depois — e não 12, como regista o relatório do agente José Augusto. A Margarida nunca se eximiu ao exame.

8.º Deve frisar-se, em primeiro lugar, que a Margarida não era criada de Fernando Mendes. A Margarida não tinha salário e somente na qualidade de afilhada fazia alguns trabalhos em casa de D. Celeste Mendes. Até à data não recebeu gratificação alguma. Por sinal que Bento de Moura ainda é creder do sr. Mendes da importância de quarenta e tal escudos que éle abona para despesas com animais domésticos de Fernando Mendes, na ausência deste.

9.º A vítima, dada pois a sua condição, não tinha nada que ir queixar-se ao sr. Mendes, mas era a este senhor e a sr.ª D. Celeste Mendes que competia ir averiguar do estado de saúde daquela a quem chamavam a sua querida afilhada.

10.º Nunca se fez qualquer acusação contra o visconde de Montargil. «A Batalha» limitou-se a registar que o dr. Diogo Xavier, autor comprovado do assalto, tem comprometido aquela cidadã com as suas atitudes.

11.º E' mentira que os depoimentos de todas as testemunhas hajam deixado tal impressão. Muitas delas, se não a maior parte, são de opinião absolutamente contrária.

12.º Os informes que temos aqui publicado destróem totalmente as insídias mal urdidas dos Argus e dos Almeida vergados à áurea canga dos Xavieiros.

No próximo número trataremos a lume novas e preciosas declarações que confirmarão tudo quanto aqui se tem dito e acabará de esclarecer este caso.

No próximo número: Entrevista com o agente da P. I. C. do Porto, José da Costa Queiroz.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Orania» são hoje expedidas as malas postais para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem às 9 horas.

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras, à venda nas livrarias, ao preço de \$600, ácoração, de 7\$00.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de «A Batalha» calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

NO PORTO

O Congresso das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais

concluiu os seus trabalhos, depois de mais uma brilhante preleção de Tomás da Fonseca, aprovando a tese e os estatutos que criam a respectiva Federação

PORTO, 8.—A segunda e última sessão, que teve uma maior concorrência de assistentes, salientando-se o elemento feminino, presidiu José Margarido de Paiva, do Centro Comunista Libertário, tendo a secretária Carlos Guimarães e Domingos Fernandes, respectivamente delegados das Escolas e Bibliotecas dos Ferrovários do Minho e Douro e da Oiesta. Nesta sessão fez-se representar a Escola das Antas. A acta foi aprovada com ligeiras alterações.

Concedida a palavra ao professor sr. Tomás da Fonseca, ele regressou-se por ver presentes bastantes mulheres, as quais, principalmente, se vai dirigir. Evocando a figura mística de São Paulo, demonstra com citações interessantíssimas que esse santo foi formidável na depreciação estúpida das mulheres. No entanto, não deixou de ser um vulto extraordinário, o maior talvez de todos os apóstolos da igreja católica. Descreve, depois, como o *Apóstolo dos gentios* desenvolveu as suas campanhas doutrinares pela Palestina, Jerusalém, Atenas, Corinto, etc. Onde encontrasse alguém, onde houvesse mulheres, acorria a pregar o que lhe julgava ser verdade. Por se revelar contra os dogmas da antiguidade, enquanto depois se aterrorizava a outros não menos absurdos e prejudiciais à humanidade, era preso, perseguido. Mas não desarmava, a pesar de não ver logo o fruto da sua propagação.

Nos, os que trabalhamos para um futuro de esplendores morais e sociais, devemos também seguir os exemplos de tenacidade, indo a toda a parte pregar contra os novos dogmas, para que todos os espíritos se libertem de todos os fanatismos bestializantes. Foi merecida esta energia estoica, das lutas contínuas, persistentes, dos nossos antepassados, que a mordida da igreja se foi partindo, que na estúpida, feroz, intolerância religiosa se foram abrindo clareiras de luminosidade espiritual e esclarecedora das verdades científicas. Hoje, se bem que sobre nós ainda pese um pouco a Cruz e a Espada, temos mais liberdade de opinião—ela deve-se à evolução gradual e segura do espírito, das consciências, da intelectualidade. A esta evolução até não puderam escapar muitos sacerdotes, motivo por que alguns céus, como, por exemplo, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, que morreu num hospital de Sevilha depois de um longo cativerio pelas massomoras do negregado Santo Ofício—foram atrozmente perseguidos, injuriados, torturados e queimados vivos até.

Para que no Egito se destruisse a influência mitológica do paganismo, foi indispensável uma luta tenaz, cruenta, de 300 anos. Não admira, pois, que leve algum tempo a destruição completa, total, dos erros pagãos da teologia clerical do catolicismo. A propósito do poder sobrenatural das divindades, Tomás da Fonseca alude ao poderoso deus egípcio Serapis—divindade famosa de tal proporção potente, que até os próprios cristãos não se atreviam a tocá-lo, a pesar de precisarem, para o entronisamento do seu novo deus, de destruir o templo de Serapis. Dizia-se então que quando algum profano lhe tocasse, o céu cairia sobre o mundo, a terra abismar-se-ia no seu antigo caos. Era tudo arrazado. Um dia, porém, um soldado qualquer, perdendo a tramontana, deu-lhe para se rebelar contra o mais poderoso deus do Nilo, do mundo; pegando de um machado, principiou a machadear-lhe os queixos. Os pagãos e os cristãos que estavam no templo, deslatarem em gritaria, aterrorizados, esperando, a todo o momento, que o chão se abrisse, que a abóbada celeste se despenhasse por de cima sobre o mundo, e toda a pagandade...

O soldado, porém, prosseguiu na sua demolição, escavando Serapis até que ele caiu em pedaços. Ao separar-se a cabeça do tronco presenciou-se esta coisa, este fenómeno curiosíssimo: uma enorme quantidade de ratos saiu de dentro do tronco, espalhando-se pela nave do templo. Este foi o divinal castigo de Serapis, castigo que teve a miraculosidade de fazer rir, gargalhar, a plebe, que acabou por arrastar a divindade desfeita e queimá-la—porque era de madeira velha. E o mundo não acabou... A mesma sorte não de todas as divindades católicas, todos os Serapis do clericalismo romano. E o mundo ficará, mais livre e feliz, a girar no espaço.

A religião católica, os padres, criaram um diabo de dois cornos. Mas, a rigor, os verdadeiros diabos são os clérigos—mas diabos de três cornos.

São estes diabos que nos aparecem, audaciosamente, até quando estamos nos últimos momentos da nossa existência.

Aparecem para nos perturbar os derradeiros sopros de vida, explorando o estado de insensibilidade mórbida em que o moribundo entra. Temos o exemplo em Emilio Littré, esse célebre filósofo positivista e filólogo francês, autor dos notáveis dicionários da língua francesa e de medicina. Esta figura gigantesca, que enriqueceu as ciências e honrou o seu país, foi um adversário intrínseco do catolicismo, do clericalismo, a pesar de sua esposa ter sido uma fervorosa fanática. Quando Littré adoeceu gravemente, os demónios de três cornos insistiram para que ele se convertesse, se sacramentasse. A família, inspirada pelo arcebispo Buvelland, auxiliava as tentativas dos sotanas. Littré, porém, teve sempre a coragem moral de os repelir. Só quando entrou no estado comatoso, naquele estado deplorável em que se perde todas as noções de energia, de raciocínio, de sensibilidade, é que o padre, quando Littré já estava quase a dar o último suspiro, entrou no quarto do moribundo, transformado em semi-câmara ardente, para se limitar a fazer uma cruz com a mão! Depois, a igreja cantou vitória, fazendo hipocritamente espalhar que Littré tinha, à hora da morte, renegado todo o seu passado. Os seus discípulos, no número dos quais se encontrava Teófilo Braga, lamentavam, entristecidos, o suposto arrependimento do mestre. Só mais tarde, pois foram precisos 30 anos para se esclarecer a verdade, é que foi desmentido o arrependimento: Littré morreu honrado como honrado vivera—como assim o considerou o próprio abade Loisel. Atendendo a estes ensinamentos, há uma grande necessidade também para que estes tomem as devidas precauções sobre elas, quando são religiosas e não livres, para que não sejam vítimas das traições do clero

Ainda sobre as esperanças do jesuitismo romano, refere-se aos escândalos sucedidos em tempos passados nos conventos de Sevilha.

Em costume quando uma parte da população embarcava para terras longínquas, os mercantes deixavam o cuidado dos conventos, as suas mulheres, a sua família. Os desregramentos foram de tal ordem que eles tornaram-se públicos. Houve abusos, violações, imundos atentados à honra alheia. Para se avaliar da grandeza do escândalo, basta dizer que tendo o papa de então ordenado um inquérito, mandou-o depois abafar—porque a igreja estava em riscos de ser profundamente abalada no seu prestígio. Contudo, não se evitou a rebelião do público...

Tomás da Fonseca termina por fazer a apologia do ensino racional, com o exemplo à vista na moral prática, na verdade, na razão. Assim, trabalharemos por um mundo melhor em que haja liberdade para todos, ciência para todos, não para poucos.

Em seguida Adolfo de Freitas lê os Estatutos da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, os quais são aprovados com pequenas emendas e após ligeira discussão.

Mário Ferreira lê a tese — *A Escola, sua função e ideologia*, cujas conclusões são as seguintes:

«As actuais Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais satisfazem como nome, mas é indispensável que procurem integrar-se nos objectivos sociais-ideológicos desta tese—e para isso:

a) procurarão chamar para professor das mesmas qualquer professor identificado com a doutrina expandida nesta tese;

b) à falta de professores nestas condições, servirá qualquer outro de ideias liberais ou que pelo menos seja um pedagogo isento de dogmas ou credos políticos-religiosos;

c) ainda à falta destes, qualquer elemento culto da escola poderá servir de professor.

§ único.—Para a execução do preceituado na alínea c, criar-se há a Biblioteca Geral da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais que, com um escolhido recheio, servirá para leccionar exte si a todos os elementos nestas condições—para o que se criará a Escola Geral que terá aplicações de ensino superior.

As Escolas livres, sindicais e de outros organismos operários que queiram estar aderentes à Federação e procurem integrar-se nos seus objectivos—devem, no mais curto prazo de tempo, modificar os seus nomes, aceitando como único e bom título—«Escola e Biblioteca de Estudos Sociais».

Aprovada a tese, procede-se à nomeação da Comissão Administrativa da Federação, que fica composta pelos seguintes camaradas: Adolfo de Freitas, Mário Ferreira, José Inácio Martins, Joaquim Paiva, Dionísio Gomes, Rodrigo Ferreira e Francisco Gonçalves.

Joaquim do Carmo apresenta duas moções-protesto, que foram aprovadas, uma contra as odiosas deportações de operários, como Miguel Correia, saudando todas as vítimas e reclamando a sua imediata repatriação; a outra de repulsa contra a condenação dos militantes revolucionários Sacco e Vanzetti, exigindo a sua imediata libertação.

E' também aprovada um saudação ao sr. Arnaldo Brazão, pela campanha pró-abolicionismo.

O Congresso, que decorreu com bastante elevação e entusiasmo, é encerrado perto das 24 horas, depois de mais uma preleção do sr. Tomás da Fonseca sobre o valor dos livros, das bibliotecas, do ensino, emfim.

MUSICA

O 9.º concerto Fão

Hoje não se realiza o Concerto Sinfónico no Gimnasio. O seu director, o maestro Fão, tomou essa resolução para não prejudicar a «matinée» da ópera, no Coliseu, em divindade desfeita e queimá-la—porque era de madeira velha. E o mundo não acabou... A mesma sorte não de todas as divindades católicas, todos os Serapis do clericalismo romano. E o mundo ficará, mais livre e feliz, a girar no espaço.

A religião católica, os padres, criaram um diabo de dois cornos. Mas, a rigor, os verdadeiros diabos são os clérigos—mas diabos de três cornos.

São estes diabos que nos aparecem, audaciosamente, até quando estamos nos últimos momentos da nossa existência.

Aparecem para nos perturbar os derradeiros sopros de vida, explorando o estado de insensibilidade mórbida em que o moribundo entra. Temos o exemplo em Emilio Littré, esse célebre filósofo positivista e filólogo francês, autor dos notáveis dicionários da língua francesa e de medicina. Esta figura gigantesca, que enriqueceu as ciências e honrou o seu país, foi um adversário intrínseco do catolicismo, do clericalismo, a pesar de sua esposa ter sido uma fervorosa fanática. Quando Littré adoeceu gravemente, os demónios de três cornos insistiram para que ele se convertesse, se sacramentasse. A família, inspirada pelo arcebispo Buvelland, auxiliava as tentativas dos sotanas. Littré, porém, teve sempre a coragem moral de os repelir. Só quando entrou no estado comatoso, naquele estado deplorável em que se perde todas as noções de energia, de raciocínio, de sensibilidade, é que o padre, quando Littré já estava quase a dar o último suspiro, entrou no quarto do moribundo, transformado em semi-câmara ardente, para se limitar a fazer uma cruz com a mão! Depois, a igreja cantou vitória, fazendo hipocritamente espalhar que Littré tinha, à hora da morte, renegado todo o seu passado. Os seus discípulos, no número dos quais se encontrava Teófilo Braga, lamentavam, entristecidos, o suposto arrependimento do mestre. Só mais tarde, pois foram precisos 30 anos para se esclarecer a verdade, é que foi desmentido o arrependimento: Littré morreu honrado como honrado vivera—como assim o considerou o próprio abade Loisel. Atendendo a estes ensinamentos, há uma grande necessidade também para que estes tomem as devidas precauções sobre elas, quando são religiosas e não livres, para que não sejam vítimas das traições do clero

Ainda sobre as esperanças do jesuitismo romano, refere-se aos escândalos sucedidos em tempos passados nos conventos de Sevilha.

Em costume quando uma parte da população embarcava para terras longínquas, os mercantes deixavam o cuidado dos conventos, as suas mulheres, a sua família. Os desregramentos foram de tal ordem que eles tornaram-se públicos. Houve abusos, violações, imundos atentados à honra alheia. Para se avaliar da grandeza do escândalo, basta dizer que tendo o papa de então ordenado um inquérito, mandou-o depois abafar—porque a igreja estava em riscos de ser profundamente abalada no seu prestígio. Contudo, não se evitou a rebelião do público...

Tomás da Fonseca termina por fazer a apologia do ensino racional, com o exemplo à vista na moral prática, na verdade, na razão. Assim, trabalharemos por um mundo melhor em que haja liberdade para todos, ciência para todos, não para poucos.

Em seguida Adolfo de Freitas lê os Estatutos da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, os quais são aprovados com pequenas emendas e após ligeira discussão.

Mário Ferreira lê a tese — *A Escola, sua função e ideologia*, cujas conclusões são as seguintes:

«As actuais Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais satisfazem como nome, mas é indispensável que procurem integrar-se nos objectivos sociais-ideológicos desta tese—e para isso:

a) procurarão chamar para professor das mesmas qualquer professor identificado com a doutrina expandida nesta tese;

b) à falta de professores nestas condições, servirá qualquer outro de ideias liberais ou que pelo menos seja um pedagogo isento de dogmas ou credos políticos-religiosos;

c) ainda à falta destes, qualquer elemento culto da escola poderá servir de professor.

§ único.—Para a execução do preceituado na alínea c, criar-se há a Biblioteca Geral da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais que, com um escolhido recheio, servirá para leccionar exte si a todos os elementos nestas condições—para o que se criará a Escola Geral que terá aplicações de ensino superior.

As Escolas livres, sindicais e de outros organismos operários que queiram estar aderentes à Federação e procurem integrar-se nos seus objectivos—devem, no mais curto prazo de tempo, modificar os seus nomes, aceitando como único e bom título—«Escola e Biblioteca de Estudos Sociais».

Aprovada a tese, procede-se à nomeação da Comissão Administrativa da Federação, que fica composta pelos seguintes camaradas: Adolfo de Freitas, Mário Ferreira, José Inácio Martins, Joaquim Paiva, Dionísio Gomes, Rodrigo Ferreira e Francisco Gonçalves.

Joaquim do Carmo apresenta duas moções-protesto, que foram aprovadas, uma contra as odiosas deportações de operários, como Miguel Correia, saudando todas as vítimas e reclamando a sua imediata repatriação; a outra de repulsa contra a condenação dos militantes revolucionários Sacco e Vanzetti, exigindo a sua imediata libertação.

E' também aprovada um saudação ao sr. Arnaldo Brazão, pela campanha pró-abolicionismo.

O Congresso, que decorreu com bastante elevação e entusiasmo, é encerrado perto das 24 horas, depois de mais uma preleção do sr. Tomás da Fonseca sobre o valor dos livros, das bibliotecas, do ensino, emfim.

MUSICA

O 9.º concerto Fão

Hoje não se realiza o Concerto Sinfónico no Gimnasio. O seu director, o maestro Fão, tomou essa resolução para não prejudicar a «matinée» da ópera, no Coliseu, em divindade desfeita e queimá-la—porque era de madeira velha. E o mundo não acabou... A mesma sorte não de todas as divindades católicas, todos os Serapis do clericalismo romano. E o mundo ficará, mais livre e feliz, a girar no espaço.

A religião católica, os padres, criaram um diabo de dois cornos. Mas, a rigor, os verdadeiros diabos são os clérigos—mas diabos de três cornos.

São estes diabos que nos aparecem, audaciosamente, até quando estamos nos últimos momentos da nossa existência.

Aparecem para nos perturbar os derradeiros sopros de vida, explorando o estado de insensibilidade mórbida em que o moribundo entra. Temos o exemplo em Emilio Littré, esse célebre filósofo positivista e filólogo francês, autor dos notáveis dicionários da língua francesa e de medicina. Esta figura gigantesca, que enriqueceu as ciências e honrou o seu país, foi um adversário intrínseco do catolicismo, do clericalismo, a pesar de sua esposa ter sido uma fervorosa fanática. Quando Littré adoeceu gravemente, os demónios de três cornos insistiram para que ele se convertesse, se sacramentasse. A família, inspirada pelo arcebispo Buvelland, auxiliava as tentativas dos sotanas. Littré, porém, teve sempre a coragem moral de os repelir. Só quando entrou no estado comatoso, naquele estado deplorável em que se perde todas as noções de energia, de raciocínio, de sensibilidade, é que o padre, quando Littré já estava quase a dar o último suspiro, entrou no quarto do moribundo, transformado em semi-câmara ardente, para se limitar a fazer uma cruz com a mão! Depois, a igreja cantou vitória, fazendo hipocritamente espalhar que Littré tinha, à hora da morte, renegado todo o seu passado. Os seus discípulos, no número dos quais se encontrava Teófilo Braga, lamentavam, entristecidos, o suposto arrependimento do mestre. Só mais tarde, pois foram precisos 30 anos para se esclarecer a verdade, é que foi desmentido o arrependimento: Littré morreu honrado como honrado vivera—como assim o considerou o próprio abade Loisel. Atendendo a estes ensinamentos, há uma grande necessidade também para que estes tomem as devidas precauções sobre elas, quando são religiosas e não livres, para que não sejam vítimas das traições do clero

TEATRO AVENIDA

Telef. 11.4356

Hoje, às 21,30 horas

A representação da comédia alemã

O PÉ DE SALSA

Adaptação dos escritores Bermudes, Bastos e A. Brun

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA

Fruta verde

A Garçonnette

(La Garçonnette)

Monica Leirer, LUCIA SIMÕES

Nos outros papéis: Amélia Pereira, Palmira Torres, Maria Sampaio, Laura Fernandes, Irene Ladeira, Maria Cristina, Júlia Silva, Lídia de Almeida, Joaquim Almeida, Samuel Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, Augusto Conde, Rebelo de Almeida e ERICO BRAGA.

A CANÇÃO DAS MONTANHAS

pelo baritone Eduardo Matos

Do 1.º acto para o 2.º quadro, não há intervalo. — Encenação da prof. Lucinda Simões.

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

MARCO POSTAL

Alhos Vedros. — João M. Gomes. — Aguardamos vossas notícias sobre a venda do jornal.

Relíquias. — M. Marques. — Recebemos 7550. Pagou o mês de Dezembro.

Albornoa. — Sociedade Cooperativa. — Recebemos 20500. Pagou a assinatura de Outubro e Novembro, p. p.

Cabeção. — Ass. dos Rurais. — Recebemos 22550. Pagou a assinatura de 1 de Dezembro, p. p. a 28 de Fevereiro p. f.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid cheque		3505
Paris, cheque		577,5
Suiza, cheque		5478,5
Bruxelas cheque		2574
New-York, cheque		19560
Amsterdão, cheque		7584
Itália, cheque		587,5
Brasil, cheque		2530
Praga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4567

TEATROS

Nacional. — A's 21. — Frei Luis de Sousa. São Luis. — A's 21. — O Príncipe Orloff. Ginásio. — A's 21.30. — O caso do dia. Trindade. — A's 21.15. — A Garçonne. Politeama. — A's 21. — Gatinhos. Avenida. — A's 21.30. — O Pé de salsa. Apolo. — A's 20.30 e 22.30. — A Mouraria. Eden. — A's 20.45 e 22.45. — Cabaz de Morangos. Variedades. — A's 20.30 e 22.30. — Fruta Verde. Maria Vitória. — 20.30 e 22.30. — Sempre Viva. Coliseu. — A's 21. — Rigolote. Matinee. — A's 14.30. — Carmen. Salão Foz. — A's 15 e às 20.30. — Variedades. Joaquim de Almeida. — A's 21. — Variedades.

CINEMAS

Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olimpia. — Matinee e "soirées". — Salão Central. — Praça dos Restauradores. — Chiado Terrace. — Rua António Maria Cardoso. — Cinema Condessa. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden-Cinema. — Rua do Alívio (Alcântara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Alhambra. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. — (Mouraria). — Cine-Expectança. — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20.30, animatógrafo. — Salão da Promotora. — A's 20 horas.

Gaminhos de Ferro do Estado

Concurso para a adjudicação da venda de lotarias da Santa Casa de Misericórdia, na estação de Lisboa Terreiro do Paço.

Faz-se público que, no dia 14 de Janeiro, de 1927, pelas 13 horas, no gabinete do Serviço Central do Serviço do Movimento, Tráfego e Reclamações, na estação do Barreiro, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração da venda de lotarias da Santa Casa de Misericórdia, na estação de Lisboa Terreiro do Paço.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente de mostrar que efectuou o depósito de Esc. 20500 (vinte escudos), na Tesouraria desta Casa de Misericórdia, depósito que será feito até às 15 horas (quinze horas) do dia 12 de Janeiro de 1927.

A licença é de Esc. 350500 (trezentos e cinquenta escudos).

O concorrente a quem a adjudicação for feita, reformará no prazo de 5 (cinco) dias a contar da data em que lhe for comunicada a adjudicação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefazer 10% (dez por cento) da importância total da adjudicação.

Este reforço ha-de realizar-se na mesma Tesouraria onde foi feito o depósito provisório e ficará à ordem desta Direcção por intermédio da Caixa Geral de Depósitos, para onde será posteriormente transferido.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção do Tráfego do Serviço do Movimento, Tráfego e Reclamações, — Palácio Coimbra, em Barreiro, e na Secretaria da Direcção, rua de S. Mamede, (os Caldas) 63 em Lisboa, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis das 11 às 16 horas.

Lisboa, 31 de Dezembro da 1926.

O engenheiro-director, Indício Pimentel.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Serviço de Contabilidade Central

Caixa de Reformas e Pensões

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio, correm editos de 30 dias para se habilitarem, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, os herdeiros de Francisco José Rodrigues, também conhecido por Francisco Rodrigues, funileiro reformado n.º 273; e de José António Bento também conhecido por José António, sub-chefe de Dist.º reformado n.º 1160 à pensão de sobrevivência por eles legada, como Contribuintes da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 1907, concorrendo à sua divisão ou impugnando os pedidos já feitos em requerimentos de Elvira Rodrigues, filha de Francisco José Rodrigues; e de Beatriz de Jesus Saramago Bento também conhecida por Beatriz de Jesus Saramago e por Beatriz de Jesus, viúva de José António Bento.

Findo este prazo será tomada deliberação, na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1927. — O chefe do serviço da Contabilidade Central. — M. Barqueira.

Gaminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

PREVIDÊNCIA DO FERRO-VIÁRIO DO SUL E SUESTE

EDITOS DE 30 DIAS

Pela Comissão Administrativa da «Providência do Ferro-viário do Sul e Sueste» correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da última publicação deste anúncio no «Diário do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de sete mil novecentos e quarenta escudos (7.940\$00) valor do auxílio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo único dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 2401, José da Rosa, falecido em 7 de Dezembro findo e a cuja quantia se habilitou Romana Rosa Bexiga, por si e como tutora de seus filhos menores Francisco António Marques, António Joaquim Marques, Fortunato José Marques, Francisca Marques Bexiga e Ana José Bexiga, esposa e filhos do falecido.

Lisboa e sede da «Providência do Ferro-viário do Sul e Sueste», aos 28 de Dezembro de 1926.

O Secretário da Comissão Administrativa, Vasco Lupi.

Pela Comissão Administrativa da Providência do Ferro-viário do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da última publicação deste anúncio no «Diário do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de sete mil novecentos e cinquenta e seis escudos (7.956\$00) valor do auxílio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo único dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 2002, José Joaquim Canastra, falecido em 27 de Outubro último, e a cuja quantia se habilitaram Maria Caetano, José Joaquim, Marcel Coelho e Piedade de Jesus, esposa e filhos do falecido.

Lisboa e sede da Providência do Ferro-viário do Sul e Sueste, aos 28 de Dezembro de 1926. — O Secretário da Comissão Administrativa, Vasco Lupi.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30000
Sapatos em verniz 30000
Botas pretas (grande saia) 40000
Botas pretas (saia) 25000
Grande saia de botas pretas 20000
Botas de couro para homem 40000

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a: FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARRO, 55

Tabacaria e Kiosque

sem consultar

UNIAO

NAO COMPREM LIMAS OU GRASAS

a Empresa de Limas União Tomé Fêreira, Lda

Sede em VIEIRA DE LEIRIA

Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras

EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa

Travessa do Fala Sô, 9-B

TELEF. N. 3415

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Tudo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante a si e a sua família, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSAIS quando for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL põe-vos-lá ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

DA

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

Já Viram?

Calçado

UREKA

Fabrico manual. Salão, elegante e portador deste anúncio tem direito a 10% de abatimento

35, RUA DE SÃO DRÁBIO, 40

FATOS

A 220\$50 feitos por medida em boas casimieras. Recebem-se fatos afeito e forros por 120\$00. — ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V. 86.

SUCATAS

Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucatas de metais e ferro. RUA CAIS DO TOJO, 33 e 40 (ao Conde Barão).

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 15 e 18 LISBOA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada El drama de um amor vulgar, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, 5\$0. Pedidos à administração de A Batalha.

Policlínica do Rato

Praça do Brasil, 45, 1.º

Telefone N. 1200

Dr. António Monteiro — 11 horas — Clínica geral, seniores, crianças e partos.

Dr. João Gonçalves — 13 horas — Boca e dentes.

Dr. Lourenço Raimundo — 13 e meia — Rins e vias urinárias.

Dr. António Fernandes — 13 e meia — Medicina geral e doenças nervosas.

Dr. João Saraiva — 13 e meia — Doenças dos olhos.

Dr. Tavares do Couto — 15 e meia — Garganta, ouvidos e nariz.

Dr. João de Moraes Sarmento — 16 horas — Ginecologia e operações.

Dr. Rivalva Saavedra — 17 horas — Pulmões, pele e sifilis.

Dr. José Crespo — 17 e meia — Clínica médica, estômago, intestinos e fígado.

Dr. Aleu Saldanha Cruz — Raios X.

Análises clínicas, electroterapia, maçoagem e ginástica médica

POLICLINICA POPULAR

Rua Moraes Soares, 114

Telef. 5460-N.

Cirurgia, Operações — Dr. Abel da Cunha — às 13 horas.

Estomago, Intestinos e Fígado. Clínica Geral — Dr. Eduardo Neves — às 11 e 12 horas.

Garganta e Pulmões. Clínica Médica — Dr. Leão da Silva — às 10 horas.

Doenças da boca e dentes — Dr. Gonçalves Viterbo das 9 às 11 horas.

Doenças das crianças — Dr. Pires de Matos — às 12 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Sousa Aguiar — às 13 horas.

Pele e sifilis — Dr. Oliveira Feijó — às 11 horas.

Doenças das mulheres — Dr. Isabel Pereira — às 17 e 18 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Gomes Coelho — às 10 e 12 horas.

Rins e vias urinárias — Dr. Fontoura Madureira — às 9 e 12 horas.

Raios X — Dr. Aleu Saldanha.

Análises clínicas, vacinas

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 9 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 9 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 13 horas.

Doenças das crianças — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.

Doenças das mulheres — Dr. Filipe Manso — 12 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Cenário e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Raios X — Dr. Aleu Saldanha — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriela Bêato — 4 horas.

Milhares de curas



SE DEVEM AO HERPETOL

Unicomedio eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros remédios que aos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico, o qual receitou um frasco de HERPETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, tornando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sensivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

Recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas e mordeduras de insetos.

A venda em todas as farmácias e R. da Praia, 237, Lisboa — e na R. das Flores, 153, Porto.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de Pedidos à administração de A Batalha, casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelarios

Grande sortimento em chapéus, lios e mesclins em cores indianas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só na A SOCIAL

Cooperativa Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

— ESTABELECIMENTOS —

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52

FÁBRICA DE BONETS — Chapéu modelo Jaures (Exclusivo)

TUDO AOS MONTES

ALFREI

VENDE-SE ESTAMPILHA

AFIXAR ANÚNCIOS

RUA ESTE PROPRIETARIO

LOPES VIEIRA

TESOURARIA

MODAS

LETRAS

ESMALTINAS

(A todos interessa)

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Mocambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, VENDER DIRECTAMENTE aos fregueses pelos preços 10% MAIS BARATO que o que os agentes levam a mim. FAÇAM seus pedidos directos para serem bem servidos e rápido a GRANDE PÁBICA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que curam para sempre e levas esmaladas para ruas, estabelecimentos, etc., em todas as lojas e baratas para Sports, clubes, medalhas para corridas (artigos de Barba), Gilettes mais baratas. Estas de metal branco com máquina e lâminas (Gilettes 5500). Navilhas, máquinas para cortar cabelo, máquinas de 4 rolos para as alhas. Tesouras finas superiores a 1200 que outros vendem a 2000 e cunetas de tinta permanente com pena de ouro a 400, que os outros vendem pelo dobro, canivetes, CARIMBOS, numeradores a tinta, a repetirem o numero até 12 vezes, ditos para cheques e plicotes, o numero e com data, selos em branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e repartições, sinetes para lacre e roupa, etc., alcaças de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinhas, fichas de metal para joia, café, fabricas, etc. Esses lindos selos a Freire, em aço e ouro com brasões e monogramas, cunhas importadas de Portugal, chapas e letras para marcas encaixotes e preços, lâmpadas e instalações eléctricas, isqueiros e pedras, etc., etc. UNICA na Europa completa. — A. L. Freire, 158 a 164, R. do Ouro — Telef. 3550 — Peçam a cobrança para tudo lhe se remeter.

Edições de A SEMEITEIRA

Práticas neo-maltusianas. 5\$0

O sentido em que somos anarquistas 5\$0

A peste religiosa. 5\$0

A Liberdade. 5\$0

A Internacional (música e letra). 3\$0

Pedidos à A BATALHA ou no Caisdo Sodré, 82

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. L. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkimof. Preço 1\$50.

9-1-1927 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 888

lher e o andar térreo dum pavilhão de entrada junto a uma das portas do parque. Como no primeiro andar não tinha moradores, eu tinha habitado nele por ocasião da minha última estada em Sceaux; e foi para lá que levei Oliveiros. Apresentei-o ao guarda e à mulher, como um parente nosso que precisava do ar do campo para se restabelecer de saúde; eu disse que tinha de ficar para tratar dele. Esta boa gente acolheu-nos da melhor vontade. Eles prepararam um quarto para Oliveiros, mobilando-o com os restos da mobília do castelo, e encarregaram-se da nossa comida. Eu tinha, então, umas seiscentas libras, produto das minhas economias, quantia que devia ser bastante para prover por algum tempo ao nosso sustento. Feito o meu ajuste com o porteiro, levei Oliveiros para o parque.

«Tinhamos saído de Paris antes da aurora. Quando chegámos a Sceaux, a natureza estava então em todo o brilho da sua frescura matinal. O sol de Maio lançava os seus primeiros raios sobre estes sítios encantados; nós caminhamos silenciosos através das alamedas, a sombra duma admirável vegetação, reflectida na limpida superfície dos tanques. De espaço a espaço, desenhavam-se na verdura vasos e estatuas de mármore; depois, eram belas fontes no meio de massivos de roseiras então em plena florescência. O seu perfume embalsamava o ar. Parecem-te pueris estes detalhes, meu irmão?... mas olha que eles também têm sua importância...

— Compreendo, respondeu João Lebreann; esperavas apegar de novo o rapaz à vida, mostrando-lhe, numa bela manhã de primavera, a natureza no seu mais risonho aspecto.

— Era esse o meu pensamento. Eu observava Oliveiros, cuja fisionomia, ao princípio triste e sombria, se desanuaveva pouco a pouco. Ele aspirava com força o aroma matutino dos bosques, dos prados e das flores, e escutava com vivo encanto o gorgear dos passarinhos espalhados pelas árvores. Nos seus olhos quasi extintos, brilhava às vezes o ardor da juventude, e ele tornava a ter amor à vida abandonando-se às doces sensações despertadas nele pela contemplação da natureza. Eu procurava fazer vibrar nele as cordas mais sensíveis da alma. A minha familiaridade compensava a gravidade maternal que até então tinha havido nas minhas relações com ele; eu já lhe falava mais como irmão do que como mãe.

— «Seria o paraíso, viver aqui me disse ele um dia.

— «E porque não havemos de viver aqui, Oliveiros?

— «O quê?... Pois consentiria em viver comigo neste ermo?...

— «Decerto, e foi até com essa esperança que o trouxe aqui, Oliveiros.

— «Ele estava radiante de felicidade... Mas, de repente, tornou a entristecer e perguntou-me o que eu seria para ele.

— «Uma irmã! lhe disse eu. Olhe, meu amigo, ontem queria apenas considerar-me sua mãe, e já hoje consinto em remogar o necessário para ser sua irmã... Não acha que já isto foi um grande progresso?

— «Então, me respondeu ele com transporte de alegria, posso esperar?...

— «Pode esperar o que eu mesmo espero, Oliveiros: que um dia poderei sentir por si um afecto mais íntimo do que a fraternidade... Isso depende mais de si do que de mim.

— «E que tenho de fazer para isso, me perguntou ele.

— «E' preciso que se torne um homem, Oliveiros... um homem de quem eu possa orgulhar-me...

— «Oliveiros abandonou-se então com entusiasmo a esta esperança, e d-pois continuou em ar de suspeita: — «Então não toma compromisso nenhum para comigo!... pensa acaso em afastar-me de si?...

— «Não! lhe respondi. Não, Oliveiros! eis o que lhe proponho: ficaremos nesta encantadora vivenda até ao seu completo restabelecimento; depois partiremos para o exército e assentaremos praça no mesmo regimento... Admira-se?... Acaso sou eu a primeira mulher que partilha todos os perigos dos nossos soldados, conservando o segredo do seu disfarce?... Eu vê-lo-hia subir

postos, até ao dia, talvez próximo, em que um feito brilhante o elevasse à altura que imagino para si, e que realizaria a nossa esperança comum... Agora, Oliveiros, escolha entre o suicídio e este glorioso futuro que se lhe oferece.

— Ah! exclamou João Lebreann. Compreendo tudo agora, minha digna e querida irmã!

— Sinto-me feliz em reconhecer que dia a dia diminui a minha influência no espírito de Oliveiros. O seu ardor guerreiro, o entusiasmo dos seus primeiros sucessos, a actividade da vida de campanha, foram pouco a pouco dominando a paixão de Oliveiros... Eu previa que o amor devia ser efémero nesta alma guerreira; queria primeiro arrancá-lo ao suicídio... reacender-lhe a energia abatida, iniciá-lo na carreira das armas para que o chamava a sua vocação, velar por ele como por um filho, e, partilhando a sua vida de soldado, preservá-lo dos erros que deitam a perder tantos rapazes. Eu queria, enfim, confirmá-lo na senda do bem e do justo, desenvolver-lhe as virtudes cívicas, tornar ainda mais ardente o seu amor pela Pátria e pela República. Depois de cumprido este dever, que a mim mesma eu tinha imposto, tratarei do meio de entregar Oliveiros ao seu destino, que parece presagiar-lhe um brilhante futuro... Tal era o meu projecto, já em parte realizado... A paixão pela guerra é agora a preocupação do rapaz. Creio que brevemente poderei separar-me dele.

Neste momento saía o jesuíta Morlet e o pequeno Rodin, escoltados por soldados, trazendo um deles uma lanterna, e marchando atrás deles o artilheiro Duchemin.

— Olá, camarada! disse João Lebreann ao primeiro sargento, chegando-se para ele ao passo que Vitória se conservava de parte. Tenho uma comunicação a fazer-te.

— Podes falar, cidadão.

— Sebes o que foi resolvido a respeito desse espião duplamente perigoso, pois que pertence à Companhia de Jesus?

— Segundo acabo de ouvir, deve ser fuzilado amanhã pela manhã. Vão levá-lo para o posto do grande preboste do exército, encarregado da execução. Como a minha bateria está aquartelada lá próximo, conduzo eu o agente de Pitt e de Coburgo.

Um dos ajudantes de campo de Hoche saiu precipitadamente do quartel general, atravessou o pátio e foi a correr para o posto da guarda de honra. Uma companhia de granadeiros pegou nas armas e formou, com o tambor a direita e os oficiais à frente, e pouco depois os quatro representantes do povo, São Just e Lebas, comissários extraordinários da Convenção em Strasbourg, Lacoste e Randon, comissários junto do exército do Reno e Moselle, desceram a escada do quartel general, precedidos de alguns sargentos munidos de archotes e seguidos dos generais Hoche e Pichegru e dos oficiais superiores que comandavam as divisões. No momento de se separarem dos representantes do povo, todos se descobriram respeitosamente. Os comissários, tendo chapéus com as abas levantadas dum lado, e laços tricolores, casacos azues sem bordados, bandas com as cores nacionais a cinta, calças azues como os casacos, e botas de canos altos, com esporas, e espadas de cavalaria ao lado. São Just ia à frente. Ele tinha quasi a mesma idade que Hoche (cerca de vinte e quatro anos). Ambos vinham conversando em voz baixa, desviando-se assim alguns passos dos outros representantes do povo e generais. As feições e atitudes de Hoche e São Just, à luz dos archotes, ofereciam um perfeito contraste. O general republicano, de elevada estatura, rosto inteligente, franco e resolutivo, a que dava aspecto ainda mais marcial uma gloriosa cicatriz, mostrava uma insistência quasi supplicante no que dizia a São Just; este último, de estatura regular, semblante activo e orgulhoso, escutava em silêncio as palavras de Hoche. Palido, com uma comprida cabeleira negra e lisa, o rosto deste homem revelava uma impassibilidade escultural, em cujo olhar meditativo pareciam concentrar-se a vida e o ardor.



Os grandes perseguidos através dos tempos

Damião de Oóis, espírito verdadeiramente enciclopédico, relacionado com as mais vastas capacidades da Renascença e da Reforma, com Erasmo, com Lutero, com Melancthon, nasceu em Alenquer no ano de 1501. Entrou para o serviço do Paço de João III nomeado escrivão da Feitoria de Holanda. Até 1529 residiu em Antuérpia, onde sua mãe era natural. Depois de várias peripécias voltou a Portugal por pedido de João III, que o nomeou guarda-mor da Torre do Tombo, e o encarregou de escrever a *Crônica de D. Manuel*. O cardeal D. Henrique negava autorização de curso ao seu estudo sobre a religião dos etíopes, prevendo naturalmente que, pelo estudo comparativo, a ortodoxia católica viesse a sofrer. Não satisfeito com isso, o inquisidor geral que o Destino não reservava para rei, mutilava-lhe a *Crônica*, servindo-se para isso da mão do dr. António Pinheiro, bispo de Miranda e conselheiro de Estado.

Denunciado por Pedro de Andrade Caminha como herético, a Inquisição confiscou-lhe os bens, e fê-lo morrer, coberto de sarna, num cárcere penitencial do mosteiro da Batalha, a 16 de Dezembro de 1572, nesse ano terrível, que contemplara o crime monstruoso de Saint-Barthélemy.

Galileu confirmou a teoria de Copérnico, que dizia ser o Sol o centro do Universo, gravitando em torno dele Mercúrio e Vênus, Marte, Júpiter e a Terra. Seguidamente descobriu a lei da gravidade, a balança hidrostática, o compasso de proporção, a composição do telescópio, a constituição da via lactea, o movimento de rotação do Sol, as gerações dos cometas (hipótese), os quatro satélites de Júpiter, etc. Encontrando-se um dia na catedral de Pisa, descobriu o isocronismo do pêndulo, notando o balanço regular de uma lâmpada suspensa da abóbada da igreja.

A sua ciência era grande e grande a sua fama para que deixasse de despertar as atenções da Inquisição romana. Perante ela foi Galileu citado em 1615. Os seus trabalhos científicos sobre a fixidez do Sol e a mobilidade da Terra foram dados como mais perigosos do que todas as heresias juntas de Lutero e Calvino. Consequentemente foi encerrado no in-pace do convento de Milnera, carregado de ferros e torturado pelos carrascos do santo-ofício, perante quem foi obrigado a vir descalço e em camisa. Foi submetido ao suplício da corda, do cavalete e do borzegum de ferro. A dor acabou por vencer este velho venerando, que pôde deixar fugir da boca a reatidão da teoria do movimento da terra; mas logo, arrependido, e reagindo contra a sua fraqueza, fez bradar o seu *E pur si muove* que há de ser o lema eterno das sociedades livres e progressivas.

Encerrado por sentença da Inquisição numa quinta de Arcetri, foi-lhe proibido publicar qualquer estudo científico, sobretudo sobre o sistema planetário. Deram-lhe ainda por penitência a recitação diária dos sete psalms penitenciais...

Governava a Igreja de Roma o papa Clemente VIII, que se reconheceu impotente para lhe poupar o martírio.

Houve um grande terror na Igreja quando Gutenberg encontrou a imprensa. Foi o grande presente de que isto mataria aquilo. (V. Hugo, *Notre Dame de Paris*).

A imprensa veio divulgar os conhecimentos derramados as heresias até então contidas por um círculo ardente de quemeadores. A imprensa foi a primeira picareta aplicada aos muros vetustos do edifício católico. Na idade média não havia ainda esse

meio de publicidade: daí a importância social do padre, como mestre supremo e infalível, desde que se subordinava estritamente ao que de Roma lhe era ensinado. Sacerdote e mestre: pelos resultados do seu ensino poderá este ser bem avaliado. O mundo católico viveu então em geral alucinado, desde aquele que percorria as praças com um facho ardente na mão para redimir as cinzas do infeliz dissidente, até ao que morria no meio dos mais horribes tormentos, sem uma queixa, por vezes entoando cânticos; fulminando com a ameaça do futuro vingador os seus algozes, como Jean Huss; reivindicando para si o martírio como uma glória, como Jerônimo de Praga; afirmando altivamente os seus princípios e soldando com primeiro o estertor do queimado vivo o último sarcasmo sobre a personalidade do Cristo, como Vanini; eram todos alucinados. Havia a febre do assassinato. E lá do outro o delírio de coisas?—O ensino distilado dos púlpitos abaixo, a direcção dada ao espírito por meio do confessoriano.

O padre baseia a sua fé sobre um livro: a *Bíblia*. A conquista, a escravatura, a perseguição religiosa, tudo ali é ensinado. Pedro o Eremita, que prega as cruzadas contra os infiéis, autorizado pelo papa Urbano II, vale tanto como Moisés, que, para libertar o povo hebreu do jugo egípcio, vai conquistando e exterminando todas as povoações que encontra sobre o seu caminho. O bispo que fez do seu paço episcopal um feudo, que compra e vende escravos, que impõe a estes a obediência em nome de Jesus Cristo, está perfeitamente em harmonia com o *Exodo*, que não só tolera, como até ordena a escravatura. Se Torquemada fez, ele só, mais vítimas do que a peste, exterminando furiosamente os herejes, também Moisés exterminou os idolatras. José não vale mais do que o duque de Alba.

E, se nós hoje nos espantamos perante os lúgubres dramas do extermínio dos albigenses, do morticínio dos judeus, da mancha dos protestantes das Cevennas sob Luís XIV, se nos aterra Carlos IX e Gregório XIII nos revoltas, devemos nos recordar que a *Bíblia* tem também a sua Saint-Barthélemy nos últimos tempos que precederam a saída dos judeus para fora das terras do Egipto.

Fundado num livro bárbaro e imoral, o ensino católico produziu resultados consequentes. Em caso de necessidade cada sectário será um bandido. *Matai tudo, que Deus distinguirá os seus*!—estas palavras do legado do papa Inocêncio III, Arnaut Amalric, na tomada de Béziers, são do número daquelas que a História não poderá esquecer. E, se os fiéis podem, individualmente, encontrar para as suas culpas a barreira do confessoriano encontrando ali uma fácil absolvição, quando não um perverso impulso, a Igreja, essa não será absolvida.

Eu sei que ela, endurecida no crime, a ninguém pedirá tal absolvição. Tanto pior para ela: morrendo impotente, ela há de morrer esmagada, no dia da justiça, quando sobre o altar infamado se erguer a mão calosa do povo trabalhador, finalmente libertado dos seus preconceitos seculares e em luta pela sua emancipação social.

As últimas manifestações do banditismo católico nesta infeliz península ibérica, após o cacete, as forças miguelistas e o assassinato dos liberais a machado e a tiro em Portugal, foram as atrocidades praticadas pelo exército, e sobretudo pelas guerrilhas católicas de D. Carlos VII, na última guerra civil da vizinha Espanha. Por trás de cada assassínio está um frade que absolve o assassino; à sua frente um livro que o ensina e ordena.

A revolução nacionalista na China

O que os Ingleses dizem... SHANGHAI, 6.—Segundo as últimas notícias de Hankow foi concluído um acordo entre as autoridades chinesas e o cônsul geral britânico, pelo qual todas as tropas chinesas foram retiradas da concessão, a qual é policiada pela polícia inglesa auxiliada pela das concessões russa e alemã. Os tumultos não se têm repetido, tendo as autoridades chinesas dado energias ordens para a repressão de quaisquer distúrbios provocados pelas organizações operárias. —(L.)

...vêm os chineses desmentir BERLIM, 6.—Notícias recebidas da China desmentem as de origem inglesa, segundo as quais as tropas britânicas tinham recuperado a respectiva concessão de Hankow. —(L.)

Uma versão que agrada aos Ingleses SHANGHAI, 6.—As notícias recebidas de Hankow são mais tranquilizadoras. Os bancos estrangeiros reabriram na quinta-feira, e os Ingleses devem ter aberto ontem as suas portas. Uma testemunha ocular dos incidentes do princípio da semana, declara que a multidão chinesa, incitada pelos agitadores bolchevistas, provocou por todas as formas os destacamentos de marinha e os voluntários que guardavam as barricadas de defesa da concessão, procurando que fizessem fogo, o que lhes serviria exemplarmente para a propaganda anti-britânica. —(L.)

Outra versão agradável aos chineses SHANGHAI, 6.—Dizem de Hankow que a tomada da concessão britânica pelos chineses foi tão rápida e completa que a população ali residente ainda não se refez da surpresa. A evacuação das mulheres e das crianças, iniciada quarta-feira de tarde, tem continuado, seguindo-se às inglesas as de outras nacionalidades incluindo, as americanas. —(L.)

Americanos que chegam SHANGHAI, 8.—Um telegrama de Washington anuncia que o secretário do Estado para os negócios da marinha, ordenado que a esquadra norte-americana ancorada em Manilha partisse para Hankow. —(L.)

E americanos que partem SHANGHAI, 8.—Todos os norte-americanos abandonaram Hankow. —(L.)

Para engorda do burgês LONDRES, 8.—Cinco mineiros que estavam trabalhando no tonel Dartford-Londres ficaram sepultados sob os destroços duma chaminé de ventilação que abateu. Dois deles foram salvos gravemente feridos, mas os três restantes ainda se encontram sob os escombros. —(L.)

Como se promove o desarmamento

Primeiramente conversar... BERLIM, 8.—O governo do Império assentou nas instruções a dar a Von Pawls e ao conselheiro Fetsner, afim de continuarem em Paris as conversações sobre os pontos litigiosos da questão do desarmamento. —(H.)

Aumento de despesas militares BERLIM, 8.—A imprensa liberal mostra-se admirada com o considerável aumento das despesas de reichswar e da marinha no orçamento de 1927, verificando que as da segunda ultrapassam 2.501 milhões de marcos, ou seja o dobro da despesa de 1924. —(L.)

Fiscalização da Alemanha BERLIM, 8.—O general Pawelsz e o conselheiro da legação Noretz partiram hoje para Paris, afim de tomarem parte nas negociações finais com o conselho dos embaixadores para a solução do problema da fiscalização militar da Alemanha. —(L.)

Como interpretar os tratados BERLIM, 8.—Os jornais dizem que o governo recebeu um nova nota do conselho de embaixadores acerca da interpretação do Tratado de Versailles na parte relativa às fortificações concedidas à Alemanha. —(L.)

Trinta aviões de bombardeamento LONDRES, 8.—Presseguido no desenvolvimento do seu programa de defesa aérea, o governo britânico ordenou a construção de trinta aviões de bombardeamento. —(L.)

Também os soviéticos desarmam... REVAL, 8.—Os soviéticos estão concentrando tropas e material de guerra nas fronteiras bálticas. —(L.)

Créditos para o que se não acredita WASHINGTON, 8.—O presidente Coolidge pediu ao Congresso créditos para o desarmamento. —(L.)

Uma subtilidade que não desarma BERLIM, 8.—As instruções comunicadas para Paris ao general von Pawelsz referem-se especialmente a exportação de material de guerra e fortificações orientais. Prevê-se a possibilidade de um acordo sobre desarmamento, se a Inglaterra se mostrar conciliadora. —(L.)

Panos quentes no mal do desemprego

BERLIM, 8.—Segundo o projecto da nova lei de seguros contra o desemprego apresentado ao Reichstag, os respectivos fundos serão constituídos por contribuições pagas por patrões e empregados. As principais subvenções oscilam entre 40 e 45 por cento dos vencimentos normais, às quais são adicionadas outras percentagens conforme o número de pessoas de família do desempregado. O tempo da subvenção é ilimitado e o seguro aplica-se também no desemprego por motivo de doença. —(L.)

O nosso sindicalismo

Há quem suponha que a organização sindicalista foi exclusivamente criada e desenvolvida para questões de mero materialismo... estomacal. Dando largas a este escorregadio conceito, ver-nos-emos forçados a admitir que o sindicalismo, apenas «apto» a encher o bandedeio de lutas, deve estar fora de todo o contacto ideológico e filosófico.

Dentro dos seus grêmios outra coisa não se deve tratar senão aquilo que se prende com a aquisição de mais umas migalhas de boroa ou bocados de pão trigo—que é o mesmo que dizer com mais dois ou quatro escudos nas férias semanais. Isto, se assim se considerasse, seria simplesmente um sindicalismo-ventre, acionado por operários «tubos digestivos»...

Que muito se tenha abusado desta aberração «doutrinária», ocasionando um desvio lamentável na boa marcha da organização sindicalista revolucionária, pouco poderá importar aqueles que se enfiaram no demasiado oportunismo e que, portanto, demasiado também antepõem aos interesses do futuro os «gozos» ligeiros do presente...

A nós, porém, é que nos incomoda bastante essa desregrada corrente de «materialismo» barrigulista. Se o nosso sindicalismo consistisse na simples conquista duma melhor vitualha, teríamos de defender aquele critério individualista, pelo qual aqueles que possuem melhores qualidades artísticas, aptidões profissionais e dotes de inteligência, mais facilidades têm também de alcançar, isoladamente, posições mais destacadas e bem mais compensadoras.

Individualmente, sem querer saber dos outros, os mais inteligentes podem, pouco a pouco, melhorar as suas condições de vida... O sindicalismo, pois, não se resume no alargamento do cunivite e no corte mais por largo do tasselho de pão. Não se pense só no sindicalismo «digestivo»; medite-se igualmente no sindicalismo cérebro, raciocínio, pensamento.

Não basta trabalhar-se por uma melhor sociedade de bons ruminantes, de apésticas mandibulações. E' também indispensável cuidar-se dum sistema político, económico e social onde os nossos vóspis rituais de belezas idealistas possam levantar-se na amplidão serena da pura liberdade humana.

PORTO, 6.—Para os lados de Paranhos, habitava, num humilde casebre, uma família composta de Manuel Lopes, esposa Antónia de Brito Barbosa e uns filhos. Gente simples, pobre, para a qual a velhacaria de um sobre-aluga, aliado à cupidiez de um mau senhorio, não teve a menor complacência. Nem mesmo a doença, paralisia, parece, da companheira de Manuel Lopes, conseguiu abrandar as fúrias egolísticas do dito rancores sobre-aluga, um tal José Correia que não tem a mínima simpatia da vizinhança... ¡Que coração empedernido não tem ele!

Descrever todas as minúcias da fase do processo de despejo que o senhorio e o sobre-aluga moveram, irmanados no mesmo truc de patifaria, às vítimas supramencionadas, é duma inutilidade a toda a prova. Já são por demais conhecidas todas as manobras habilidosamente alegativas, para que nos detenhámos a fastidiosamente enur-las. Para se conseguir a expulsão, duma casa, duma família qualquer, mesmo que ela esteja de bem com toda a legalidade, com todos os preceitos jurídicos prestabelecidos pela respectiva lei do inquilinato, todos os pretextos são excelentes, todos os subterfúgios maravilhosos—basta até, de mútua combinação previamente preparada, simular-se o despejo de um sobre-aluga ou de um nome fantástico que nunca habitou na casa indicada, para se atingir a pessoa a quem se quer perseguir.

Foi por meio dos mil-e-um trucs que se põem constantemente em prática, que o Correia pôde pôr fora da porta Manuel Lopes, sua mulher Antónia Brito Barbosa e filhos. Depois de empregados todos os artificios, um belo dia de inverno apresentou-se em casa das vítimas a guarda republicana e, sem qualquer espécie de humanidade, a menos pela doente, removeu tudo para a rua, ante os protestos de todos quantos assistiram à repugnante violência. Dantes, ainda havia respeito pelos enfermos; agora, não: camias, entrevados, farrapos, vem tudo de escantilhão para o ar livre, embora ele esteja chuvoso e ventoso.

Foi o que sucedeu com as criaturas indicadas. Esta desumanidade flagrante despertou um movimento de solidariedade e de protesto entre os inquilinos de Paranhos, os quais, em número de algumas centenas, acabam de reunir na Aldeia Nova do Monte, a-fim de resolverem a defesa dos revoltantemente despejados. Verberado indignadamente o baixo procedimento do aludido Correia, foi resolvido nomear uma comissão pró-defesa Manuel Lopes-Antónia Brito Barbosa, e aprovado o seguinte documento:

«Considerando que Manuel Lopes foi arbitrariamente despejado na rua pelo seu sobre-aluga e inquilino José Correia, valendo-se dos maiores trucs e sem respeito algum pela vida de Antónia de Brito Barbosa, a qual se encontra enferma; considerando que a desumanidade de um semelhante gesto merece a repulsa de todos os corações bem formados e, como tal, clamando bem alto às autoridades que deste gesto impiedoso pode resultar a morte da vítima que se encontra gravemente enferma; considerando que, devido aos habilitados maneios de José Correia, se encontram na via pública e à chuva todos os móveis e bagagens da vítima, sujeitos à danificação, exigindo-nos todo o direito de tornarmos José Correia responsável pelo desvio ou estrago dos mesmos móveis; considerando que ainda existem almas caridosas que se

Não queremos apenas o sindicalismo revoltado; exigimos que este sindicalismo se modele para o sindicalismo revolucionário. Ao interpretar-se a sindicalística «luta de classes», não se deixe de observar que ela significa a «luta social», de alcance mais vasto, de finalidade mais profunda e mais humana.

O «nosso» sindicalismo nem por sombras, nem em sonhos, admite a hipótese de autoridade e domínio da classe capitalista se suceder o predomínio e autoridade da classe proletária. Querê dizer: ele não quer que a classe burguesa fique a ser governada pela classe proletária; ele não quer fuzilar capitalistas, destruí-los, esmagá-los, subvertê-los—apenas por um prazer.

O que pretende é eliminar a doutrina, o dogma, o sistema, o regime do capitalismo; o que anseia é fundir todas as classes existentes numa só—de todos os homens livres com iguais direitos à vida, livremente inteligentes e organizados em grupos livres e federados em comunas, as quais gravitam em torno da confederação nacional, internacional, mundial...

O sindicalismo tem de ter uma alma, uma grande alma: o sentimento, a moral. O sindicalismo tem de possuir um cérebro, um grande cérebro: a ideia. Sindicalismo sem finalidade sentimental, moralista e ideológica, é um sindicalismo sem valor, sem orientação, sem directriz. E' um sindicalismo... anti-sindicalista, irregular, incompreensível, parvoicoado, condenável...

Logo, o verdadeiro sindicalismo revolucionário é aquele que é iluminado, inspirado por uma ideia. Essa ideia deve ser a mais bela de todas, a mais pura de todas, a mais grandiosa de todas, a mais humana de todas—A Comunista Anarquista, porque é ela que abrange a maior soma de felicidade dos povos e a maior quantidade de liberdade a que eles têm jus. Porque ela é a própria Humanidade entregue a si mesma, amando-se fraternalmente, voltada para a luz da justiça...

E' nesta ética doutrinária que se encontra toda a filosofia do sindicalismo revolucionário... que se não pode reduzir a uma questão de gamela imediata. Se assim não fosse, não haveria qualquer sentimentalismo...

(Da Solidariedade Gráfica).

A crueldade de um sobre-aluga contra uma desditosa família

PORTO, 6.—Para os lados de Paranhos, habitava, num humilde casebre, uma família composta de Manuel Lopes, esposa Antónia de Brito Barbosa e uns filhos. Gente simples, pobre, para a qual a velhacaria de um sobre-aluga, aliado à cupidiez de um mau senhorio, não teve a menor complacência. Nem mesmo a doença, paralisia, parece, da companheira de Manuel Lopes, conseguiu abrandar as fúrias egolísticas do dito rancores sobre-aluga, um tal José Correia que não tem a mínima simpatia da vizinhança... ¡Que coração empedernido não tem ele!

Descrever todas as minúcias da fase do processo de despejo que o senhorio e o sobre-aluga moveram, irmanados no mesmo truc de patifaria, às vítimas supramencionadas, é duma inutilidade a toda a prova. Já são por demais conhecidas todas as manobras habilidosamente alegativas, para que nos detenhámos a fastidiosamente enur-las. Para se conseguir a expulsão, duma casa, duma família qualquer, mesmo que ela esteja de bem com toda a legalidade, com todos os preceitos jurídicos prestabelecidos pela respectiva lei do inquilinato, todos os pretextos são excelentes, todos os subterfúgios maravilhosos—basta até, de mútua combinação previamente preparada, simular-se o despejo de um sobre-aluga ou de um nome fantástico que nunca habitou na casa indicada, para se atingir a pessoa a quem se quer perseguir.

Foi por meio dos mil-e-um trucs que se põem constantemente em prática, que o Correia pôde pôr fora da porta Manuel Lopes, sua mulher Antónia Brito Barbosa e filhos. Depois de empregados todos os artificios, um belo dia de inverno apresentou-se em casa das vítimas a guarda republicana e, sem qualquer espécie de humanidade, a menos pela doente, removeu tudo para a rua, ante os protestos de todos quantos assistiram à repugnante violência. Dantes, ainda havia respeito pelos enfermos; agora, não: camias, entrevados, farrapos, vem tudo de escantilhão para o ar livre, embora ele esteja chuvoso e ventoso.

Foi o que sucedeu com as criaturas indicadas. Esta desumanidade flagrante despertou um movimento de solidariedade e de protesto entre os inquilinos de Paranhos, os quais, em número de algumas centenas, acabam de reunir na Aldeia Nova do Monte, a-fim de resolverem a defesa dos revoltantemente despejados. Verberado indignadamente o baixo procedimento do aludido Correia, foi resolvido nomear uma comissão pró-defesa Manuel Lopes-Antónia Brito Barbosa, e aprovado o seguinte documento:

O SINDICALISMO EM MARCHA

Reorganizou-se o Sindicato da Construção Civil de Portimão

PORTIMÃO, 7.—A convite dos delegados da C. O. T. e Federação da C. Civil, reuniram no dia 4 do corrente mês os operários da mesma indústria a-fim de se reorganizar o seu sindicato que se encontrava desmantelado. Pelas 19 horas, já a sala se encontrava repleta de trabalhadores entre eles alguns de outras indústrias. A's 20 horas é aberta a sessão por José Lino, que convida para presidir Domingos da Silva Leonor, que o não fez alegando ter poucos conhecimentos—talvez por se encontrar comprometido—tendo então presidido Manuel da Cruz e secretário José Lino.

Usa da palavra o delegado da Federação da C. Civil, João Miranda, que fez ver a todos os operários a necessidade de reorganizar o seu sindicato, verberando o mau procedimento da transacta comissão administrativa, que, pelo seu desleixo e abandono, ocasionou o seu desmantelamento. Expôs-lhe em largas considerações sobre a organização operária fazendo, ao terminar, votos para que todos os operários ingressassem no seu sindicato dando-lhe a vitalidade necessária. A seguir usou da palavra o delegado da C. O. T., Manuel da Silva Campos, que reforça as palavras do orador antecedente e começa por explicar as vantagens dos operários em se organizarem adentro dos seus sindicatos. Lamenta o mau procedimento da comissão administrativa transacta em não ter cumprido o seu dever, pois que só a eles se deve o estado a que chegou o sindicato da construção civil desta localidade que foi um dos melhores do Algarve. Apela também para os operários de diversas indústrias, que se encontram presentes, para que ingressem nos seus sindicatos, pois que não pode conceber que nesta hora de crise e miséria, em que se deviam unir como um só homem, suceda exactamente o contrário.

Valongo apela para que todos os operários presentes dêem o seu máximo esforço ingressando no sindicato. A seguir o presidente procede à chamada dos operários da C. Civil, sendo regular o seu número. António Franco pede a palavra

Vida Sindical

Comunicações

Federação Corticeira.—Reuniu-se extraordinariamente o Conselho Federal, para tratar de assuntos de gravidade.

Do expediente constam várias respostas de organismos federados, sem representação no Conselho Federal, que solicitam da Federação que lhes indique os camaradas aptos a desempenharem essas funções, para assim depois enviarem as respectivas credenciais; Ofício de Faro, comunicando-nos ter havido por parte do ex-secretário daquelê Sindicato um desfalque, pedindo-nos que lhes indique a forma de agirem contra o delinqüente, tendo a Comissão Administrativa já respondido convenientemente com o que o C. Federal concorda; Ofício de Vendas Novas e Barreiro, acreditando delegados respectivamente os camaradas Armando Gomes e Domingos Pereira. Seguidamente lê-se um ofício da C. G. T. em que nos demonstra a conveniência dos delegados deste organismo à C. G. T. serem mais assíduos nas comparsas às reuniões do C. C., isto por os assuntos ali a tratar interessarem a organização trabalhadora do país. Em volta deste assunto, há alguma discussão, resolvendo por fim o Conselho que o delegado à C. O. T. seja de futuro António Bento, visto este residir em Lisboa e se tornar menos dispêndioso à Federação a representação deste organismo às reuniões do C. C.

Antes da ordem dos trabalhos, o delegado de Sines chama a atenção do Conselho Federal para um artigo publicado em «O Marítimo», em resposta a um outro de Adriano Pimenta, ex-delegado deste organismo, publicado em «A Comuna» do Porto. Após grande discussão, o Conselho resolve que se refute publicamente o citado artigo de «O Marítimo», por o mesmo falsear a verdade, não respeitante às referências feitas à Federação Corticeira.

Entra-se na ordem dos trabalhos: Apresia-se as intenções malvôlas dalgum que na sombra pretende a abolição da Portaria de 21 de Novembro de 1910. Após longa discussão depois do secretário geral ex-ante ao Conselho as diligências havidas sobre o assunto e do Conselho resolve chamar a atenção dos Sindicatos para estes factos, elaborando-se imediatamente uma exposição circunstanciada ao Governador Civil.

Por último, foi reconhecida a necessidade neste momento de se publicar o órgão na imprensa «O Corticeiro», resolvendo o Conselho entregar este assunto à Comissão Administrativa, para que esta estude a forma de materializar esta indispensável pretensão. Por fim resolve-se recompor a Comissão Administrativa, sendo nomeados Armando Gomes e João Costa para secretários adjuntos, e António Bento para secretário arquivista.

S. U. da Construção Civil.—Secção Profissional dos Pintores.—Reuniu a assembleia geral, nomeando para os corpos gerentes: 1.º secretário, Alfredo de Sousa; 2.º secretário, Inácio Marques; vogal, Eduardo Ricardo. Conselho de Secções: José Guerreiro e João Queirós. Comissão Escolar: Serafim Rodrigues da Costa, Inácio Marques e Eduardo Ricardo. Conselho Técnico: Félix Fernandes, Inácio Marques e Rosendo Félix dos Santos. Comité da Casa José Guerreiro.

Convocações

REUNEM HOJE: Liga dos Vendedores de Jornais.—Pelas 18 horas, para apreciar a situação dos jornais.

S. U. da Construção Civil.—Secção Profissional dos Carpinteiros.—Pelas 10 horas prefixa a Comissão Administrativa, com todos os seus membros, para tratar do funeral do camarada Francisco Gil da Silva. Secção Profissional dos Pedreiros.—Reúne amanhã, pelas 20 horas, a Comissão Administrativa, devendo comparecer todos os militantes da secção para casos urgentes. Deve comparecer também a comissão revisora das contas de 1926.

Dias Próximos

S. U. da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Para verificação de contas referentes ao mês de Dezembro do ano findo, reúne amanhã, pelas 20 horas, o Conselho Fiscal.

O porto de Marselha

MARSELHA, 8.—Durante 1926, entraram no porto de Marselha 6763 navios, num total de 141 milhões de toneladas. Esses barcos transportaram 6 milhões de toneladas de mercadorias e 426.671 passageiros. Os mesmos navios saíram conduzindo 2.112 milhões de toneladas de carga e 303.683 passageiros. O porto de Marselha está a caminho de recuperar a sua importância de antes da guerra. —(L.)

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa do Pessoal do Município de Lisboa.—Reúne-se hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para eleição dos corpos gerentes para 1927, e aprovação do relatório de contas da comissão administrativa do 2.º semestre de 1925.

Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais.—Reúne hoje, pelas 17 horas, para eleição de cargos vagos para 1927.

Linha aérea da Persia ao Egipto

LONDRES, 8.—A nova linha aérea do golfo Pérsico ao Egipto foi hoje inaugurada com a partida do primeiro avião de Basra para o Cairo. —(L.)

para expor que não pode estar dentro do sindicato, por ser patrão, com o que concorda a assembleia, mas no entanto continuará cá fora defendendo a organização operária com a mesma boa vontade como se estivesse dentro do sindicato. E' nomeada a nova comissão administrativa que ficou composta pelos seguintes camaradas: José Lino, secretário geral; Manuel Santana, secretário administrativo, e Manuel da Cruz, tesoureiro. Ficou convocada a nova sessão para quarta-feira da próxima semana, sendo encerrada a sessão pelas 20,30 horas.

RECORTANDO...

No trabalhador Rural

Tu que vives, como os teus, da magra soldada, nas condições de que te falei e que bem melhor do que eu conheces, compara a tua situação com a do lavrador teu amo, com a do proprietário das terras que cultiva, dos instrumentos que maneja, das máquinas e carros que conduz.

Essa criatura, que, sendo dona de tudo isso, é senhora de ti próprio, dos teus braços, do teu trabalho, do teu tempo, do fruto da tua fadiga, que faz de ti enfim seu escravo—pois escravo é aquele que trabalha por conta alheia—essa criatura pode, se quiser, viver cômoda e regaladamente na cidade e ir ao campo unicamente para se divertir ou para te ver trabalhar...

E' porque? Qual a razão dessa desigualdade? Foi esse amo, esse senhor, esse proprietário quem fez as terras ou é ele quem as trabalha? Foi ele quem cortou as madeiras, extraiu, fundiu e forjou o ferro dos arados e das máquinas? Ou não são as terras e as coisas que nelas existem naturalmente propriedade de todos os seres humanos, e não são os instrumentos de trabalho, como as aliaças agrícolas, como todas as obras humanas, fruto do labor de milhares e milhares de trabalhadores, cuja parte se não pode destinguir?

Tu amo dirá que herdou os bens de que dispõe. Mas quem que direito os herdou? E' como é que os seus antepassados os adquiriram? Pela violência, pela extorsão, pela fraude, pelo roubo astucioso ou à mão armada, responde a história dos tempos passados e a dos tempos presentes. Não sabes como os pobres moagires, teus irmãos da Turquia, que amanhavam terras ainda sem dono «legal», estão sendo agora espolidos e escoraçoados pelos vizinhos, muitas vezes turcos também, que aproveitam bem a guerra?

—Pelo trabalho, dirá teu amo. Mas pelo trabalho, só raramente e a muito custo pode uma pessoa juntar um pé-de-meia, que depressa se consome, se essa pessoa deixa de trabalhar. E o peúcio é tanto mais custoso de juntar quanto mais rude, brutal e necessário é o feitor, o guardalivros de banco, além de viver melhor, pode entreteor mais depressa do que tu, nchijas do zester zo pôr do sol.